

## Escritas de vida: uma experiência de criação autobiográfica na infância

Carolina M. C. Pezzoni (Universidade do Porto), Ana Paula F. de Oliveira (Universidade do Porto) & Margarida R. Henriques (Universidade do Porto)

carolpezzoni@gmail.com

Este estudo teve como objetivo desenvolver uma intervenção narrativa em grupo, focada na produção escrita autobiográfica, e avaliar os efeitos da sua implementação de acordo com a percepção das crianças. Pretende-se ainda analisar a produtividade narrativa ao longo da intervenção. Ele encontra suas bases na psicologia narrativa, abordagem dedicada ao estudo da natureza narrativa da conduta humana (Sarbin, 1986), ou seja, a capacidade dos indivíduos para organizar conhecimentos e experiências pessoais na forma de histórias, dotando-os de significados próprios (Bruner, 1997). Esta perspectiva reconhece que a forma como as pessoas escolhem contar os eventos de sua vida não apenas reflete mas também molda quem são, permitindo à literatura estabelecer uma relação entre uma rede flexível de narrativas e uma melhor capacidade de adaptação, assim como maior capacidade de lidar com eventos negativos de forma construtiva, com níveis elevados de coping, resiliência e bem-estar (Gonçalves, 2000; McAdams & McLean, 2013). Desta forma, com vista à importância de construir narrativas cada vez mais articuladas, complexas e emocionalmente expressivas, surgiu interesse em desenvolver uma intervenção que proporcionasse à criança um scaffolding progressivo à sua produção escrita, utilizando movimentos de biodança como facilitadores da autoexpressão. Esta intervenção integrou três sessões de 1h30, em que foram propostas tarefas narrativas, aplicadas de forma progressivamente mais exigentes, baseando-se no efeito de andaime na construção do conhecimento. Foi implementada com 36 crianças, distribuídas em três grupos, com idades entre 7-11, 11-14 e 13-15 anos. Todas frequentavam uma associação de apoio escolar na cidade do Porto e pertencem a um contexto de acentuada vulnerabilidade social e familiar. As sessões foram dinamizadas por duas investigadoras no espaço da própria associação, em nov,2018, e a percepção das crianças acerca dos efeitos da intervenção foi explorada em entrevistas individuais realizadas por integrantes da associação (independente dos investigadores). Nesta comunicação, será apresentada a experiência de intervenção, bem como os resultados relativos à percepção das crianças sobre os seus efeitos, e ainda indicadores da qualidade das narrativas produzidas. Os resultados encontram-se em análise e serão a base de uma reflexão aprofundada sobre a intervenção narrativa proposta.

## Escrever-sobre-viver

Hugo Amaral (Faculdade de letras da Universidade de Coimbra)

hugomendesamaral@gmail.com

Se, segundo Jacques Derrida, a escrita como arqui-escrita ou rastro - que não se opõe mais à fala nem se distingue de uma concepção de leitura como contra-assinatura - não é senão desejo ou promessa de se inscrever como tal ou sem resto o excesso de uma alteridade absoluta que, desde sempre desligada do presente que Husserl creu ser vivo e abrindo a palavra falada que Platão creu ser viva, se subtrai ao poder da manifestação formal e fenomenal, também escrever a vida, escrever «sobre» viver